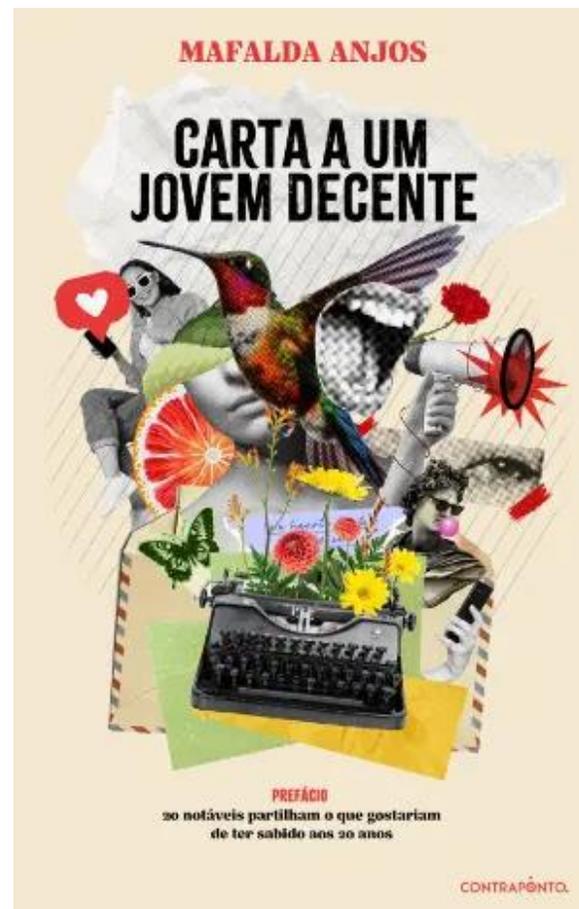
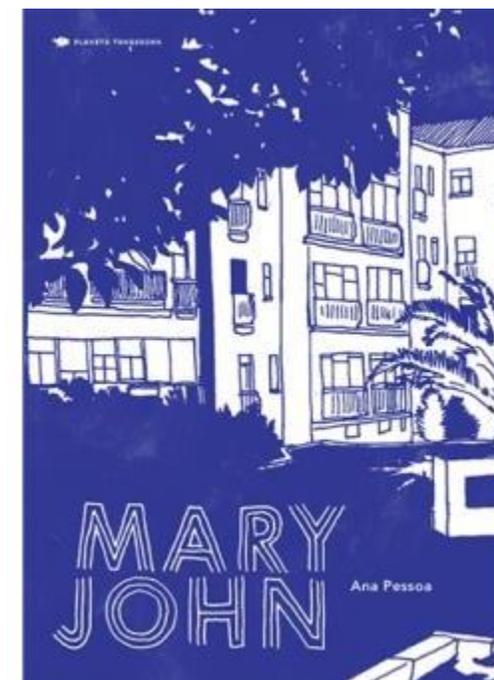




de Rosana Faria e Menena Cottin



de Mafalda Anjos



de Ana Pessoa; Ilustração: Bernardo Carvalho

MAFALDA ANJOS

# CARTA A UM JOVEM DECENTE



**PREFÁCIO**  
20 notáveis partilham o que gostariam  
de ter sabido aos 20 anos

CONTRAPŊNTO.

- Carta a Um Jovem Decente, Quando a minha filha mais velha fez 18 anos, escrevi-lhe uma carta. Voltei a fazê-lo três anos depois, para o meu segundo filho. A ideia não foi dar lições de vida nem doutrinar: quis simplesmente partilhar experiências, perplexidades, falhanços e algumas, poucas, conclusões. Se há privilégio que vem com a idade é o de saber questionar mais e concluir menos. Pretendi também registar o ar dos tempos, refletir sobre o que andamos por estes dias aqui a fazer e como podemos
- “Carta a Um Jovem Decente” é o mais recente livro de Mafalda Anjos, uma obra que pretende desafiar gerações a repensar os valores que orientam a sociedade atual. Na base do mesmo está a (re)construção da ideia de decência, premissa pela qual o livro parte e que se vai propagando ao longo do mesmo, de forma a responder a questões como: Como nos relacionarmos com os outros? Como aproveitar bem a vida e lidar com as adversidades? Quais os conceitos políticos elementares para pensar pela própria cabeça? Quais as máximas de uma pessoa decente? Com um prefácio composto por testemunhos de 20 personalidades portuguesas, entre elas Marcelo Rebelo de Sousa, Joana Marques e Dino D’Santiago, – que partilharam o que gostariam de ter sabido aos 20 anos – esta é uma obra que segundo a autora “é um modestíssimo contributo para a (re)construção de uma ideia de decência, a pensar sobretudo nos jovens, mas também nos pais, avós, educadores, e em todos os que se interessam pela vida pública.

Ah, e não é preciso ser *gay*, ou *bi*, ou *trans*, ou outra coisa qualquer, para lutar contra a homofobia: basta ser humano.

### EU TENHO UM SONHO

Andei, confesso-te, aqui às voltas sobre como começar esta parte. É que o tema transtorna-me. Não consigo sequer imaginar como é que alguém pode ser tão idiota, ou ignorante, ou malformado ao ponto de conseguir menosprezar ou inferiorizar alguém por causa do seu aspeto ou da concentração que detém de melanina, a proteína que dá cor à pele e nos protege contra os raios solares.

Racismo é crime, mas é sobretudo estupidez, ignorância e infâmia.

Durante séculos, os negros foram vítimas, por parte dos brancos, de opressão, escravidão e colonialismo. Vingou durante este tempo a ideia de que existiam «raças» distintas, uma ideia que a ciência afastou, felizmente, há muito: todos os humanos vivos pertencem à mesma subespécie, o *Homo sapiens sapiens*. Distinguem-nos apenas as etnias, as categorias que aproximam as pessoas tendo em conta uma genealogia e noções culturais, históricas ou línguas comuns. Ou seja, as origens, os interesses e as experiências idênticas.

Foi preciso chegar ao século XX, para que os negros assumissem a luta pelos seus direitos de forma concertada, num movimento pelos direitos civis. Entre as décadas de 50 e 80, o avanço, sobretudo na América do Norte, foi fenomenal: os negros conquistaram a igualdade completa pelo menos perante a lei.

Uma figura emblemática desta luta foi Rosa Parks. Em dezembro de 1955, esta costureira negra, que ficou conhecida como a «mãe dos direitos civis», recusou dar o seu lugar no autocarro a um homem branco, conforme ditava a lei segregacionista do estado do Alabama.

Foi em 1963 que o pastor e ativista político Martin Luther King pronunciou, em Washington, o célebre discurso «I Have a Dream», em que falava de algo tão elementar, nos dias de hoje, como a coexistência harmoniosa entre negros e brancos. «Eu tenho o sonho de que os meus quatro filhos pequenos vão um dia viver numa nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo seu carácter. Eu tenho um sonho hoje!», disse, para a História.

Mas foi só em 1994 que terminou o infame regime de Apartheid, o regime que separava brancos e negros na África do Sul, graças à luta e resistência hercúlea de um dos heróis do século XX, Nelson Mandela, que foi preso durante vinte e sete anos.

Os negros não são, porém, as únicas vítimas de racismo. A discriminação com base em perceções sociais assentes em diferenças biológicas entre pessoas ou povos acontece entre várias etnias ou grupos sociais. Por cá, nos últimos anos, disparou o racismo contra os indostânicos, por causa dos imigrantes que chegam do Paquistão e da Índia. E pode haver também preconceitos de negros em relação aos brancos (embora conceptualmente haja quem discuta se se pode chamar a isso racismo, porque não há o histórico de opressão cultural que subjaz a este conceito).



Ana Pessoa escreveu um romance em forma de carta[...]por quem teve uma paixoneta não correspondida. "Tinha duas coisas que eu queria explorar: A imagem de uma rapariga um pouco disfuncional, que perde toda a confiança, que está a descobrir o corpo, e queria explorar o romance epistolar; escrevi muitas cartas na adolescência e gosto muito desse registo", contou Ana Pessoa.

Na história [...] há um momento de separação [...], mudar de cidade e a conhecer novos amigos, o que leva também a uma alteração do tom da narrativa, de um registo de mágoa e tristeza para alegria e humor.

"Eu não sou a Maria João, mas tenho empatia por ela, pelas emoções delas", ressaltou a escritora [...].

Nascida em Lisboa em 1982, Ana Pessoa vive em Bruxelas há quase dez anos (tradutora na na UE).

"Escrevo muito à mão, sem objetivo nenhum e de repente já estou mergulhada numa história e depois entro num processo um bocado obsessivo em que sinto que não posso deixar de escrever e tenho pressa de concretizar", contou.

Ana Pessoa recorda a adolescência dela como tendo sido "muito cheia, bastante feliz, de grande intensidade e concretização pessoal". "Também foi uma fase de grande introspeção, de passar muito tempo no quarto a ouvir música e a escrever" diários e ficção, relatou.

A escritora, que é uma das novas vozes da literatura portuguesa para jovens, recorda que naquela fase teve muitas pessoas a sugerir-lhe leituras, mas não teve mentores. "Li um pouco de tudo, das coisas mais pirosas a Camus e Mia Couto e, claro, Alice Vieira e 'Uma Aventura'".

Há dez anos com a condição de emigrante, de quem vê o país do lado de fora, Ana Pessoa não tem um plano definido para o percurso na literatura, mas diz que gostava de "consolidar esta relação" que tem com a escrita com o tema da adolescência.





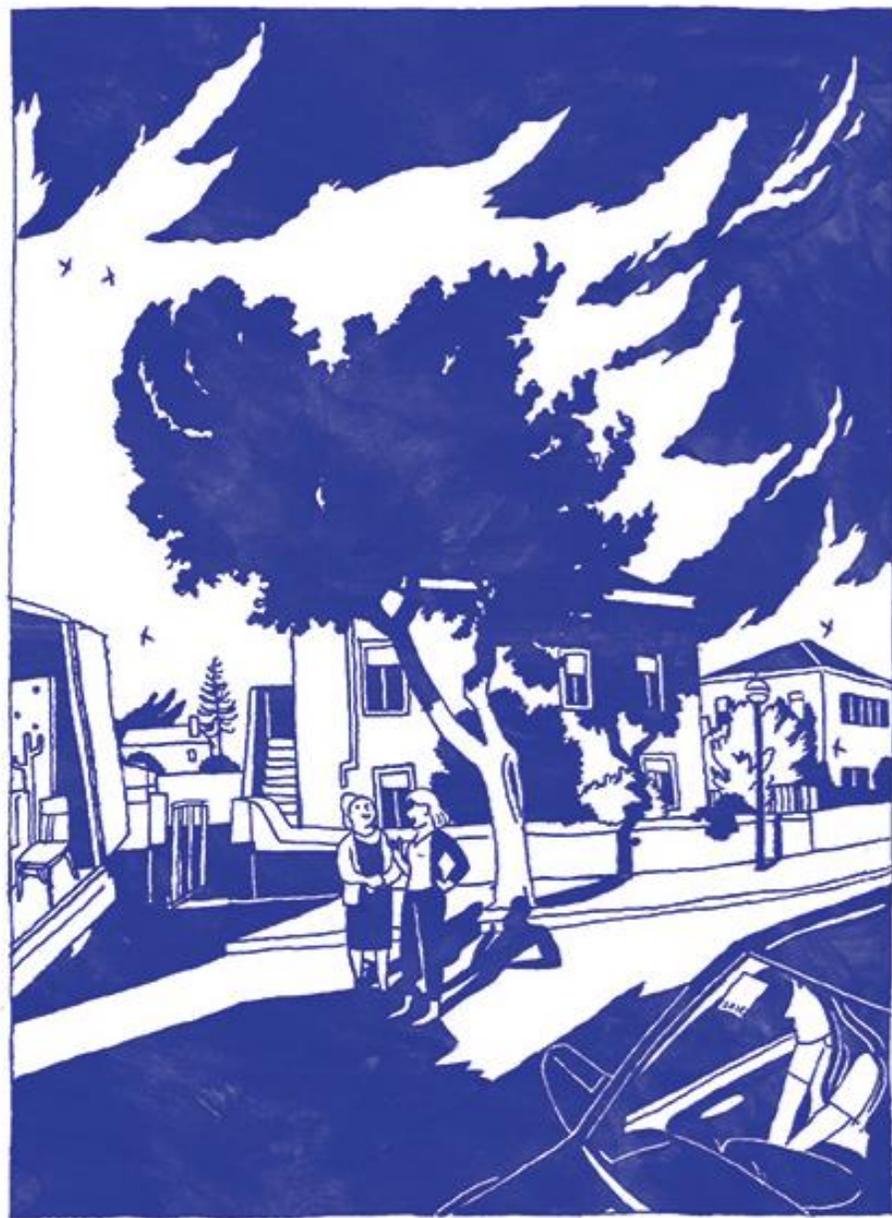
- Há a descoberta de Mary enquanto pessoa...
- Linguagem...
  - Dilemas da adolescência...
  - Cortar a franja. Que significa para Mary John?

«Eu sou uma menina por tua causa, Júlio. Deixei crescer o cabelo para ti, furei as orelhas para ti. Eu vivo e morro para ti. Todos os meses tenho o período, morro um bocadinho e penso em ti. Tu dizes: "Morreste!" E eu morro. Atiro-me para o chão de qualquer maneira.

E eu não quero isso. Eu nunca mais quero morrer, Júlio. Eu quero viver para sempre. Todos os minutos de todas as horas de todos os dias.

Numa longa carta dirigida a Júlio Pirata, Maria João faz o balanço dos anos vividos na praceta que ambos partilharam durante a infância e a adolescência.

Entre a mágoa e o humor, Maria João organiza os seus pensamentos e emoções, concentrando forças para inaugurar um novo capítulo da sua história.»



Chegámos aqui no final do dia. Eu vi a casa e também a Dona Glória. Trazia um molho de chaves na mão. Ela sorriu para mim, mas eu não. Eu não sorri para a Dona Glória. As sombras das casas estendidas no chão. O camião das mudanças de portas escancaradas. A minha mãe saiu do carro e bateu com a porta. PAM! Riu-se e falou alto. A minha mãe é sempre assim: ri-se e fala alto. A Dona Glória acenava muitas vezes seguidas com a cabeça. Dizia: *Sim, sim, sim*. Estava outra vez vestida de preto. Talvez fosse viúva, a Dona Glória. Fiquei a pensar na morte da bezerra e também na morte do seu marido. Teria sido um bom homem? Há quanto tempo teria morrido? Viveria sozinha? Com um cãozinho?

Era tudo tão triste. As árvores, as casas, as sombras, o chão.

Eu decidi: Não vou sair do carro.

Um gato branco trepou para cima do muro e sentou-se. Eu olhei para ele, ele olhou para mim.

É um gato sinistro, Pirata. Vejo-o quase todos os dias e tenho medo dele. Não te rias. É verdade. Tu também terias medo dele. O gato tem um olho azul e outro castanho. E uma orelha torta. Estou sempre à espera que ele fale, que se transforme noutra coisa qualquer. Os homens das mudanças tiravam os caixotes do camião. COZINHA. QUARTO 1. QUARTO 2. A minha mãe chamou-me. Eu não me mexi, não me ri, não respirei. Era uma boneca de trapos. Sem vontade, sem sentimentos. A minha mãe virou-me as costas.



«Eu não gostava de andar sempre descalça e completamente nua. Mas passo muito tempo em frente do espelho, Pirata. Descalça, despida, descabelada. Eu a estudar o meu corpo. A minha pele, os meus ossos, os meus músculos. Sempre fui escanzelada e insonsa. As minhas maminhas não são bonitas. São tortas e pontiagudas. O meu queixo também é pontiagudo. Tenho pelos compridos nos braços. Um dia destes arranco-os ou queimo-os. Os meus tornozelos parecem inchados. E sou tão pálida. Sou tão pálida, Júlio Pirata. Pareço um quarto vazio.»





Um livro juvenil escrito com o fôlego desenfreado das perguntas sem resposta por uma protagonista juvenil. Um livro juvenil sobre amor e desamor, desentendimentos, fugas, ausências, saudade. Um livro juvenil sobre o corpo, a auto-imagem, o sentimento de não pertença, a indiferença.

Um livro juvenil sobre a descoberta de outro lugar com

outras pessoas,

outros corpos,

outras perguntas e

uma nova pertença.

Um livro juvenil sem auto-censura, onde os nomes não são eufemismos, e há constrangimentos eventuais. Um livro juvenil em **forma de carta** sem resposta, tão direto quanto paradigmático de um tempo que acelera e não se recupera jamais.

Melancólico, certeiro na composição de cada personagem, rigorosamente atual na captação dos contextos verbais e não-verbais, **Mary John** é uma obra-prima que pode exemplarmente representar o que significa a catalogação de literatura juvenil. Sem nada que a memorize, bem pelo contrário. Sem ser um livro dogmático, implode barreiras etárias, um texto com bússola jovem, sobre jovens e para jovens. Os leitores adultos não ficam indiferentes.

Alguém já te leu algo hoje?  
Já ofereceste uma leitura a alguém?

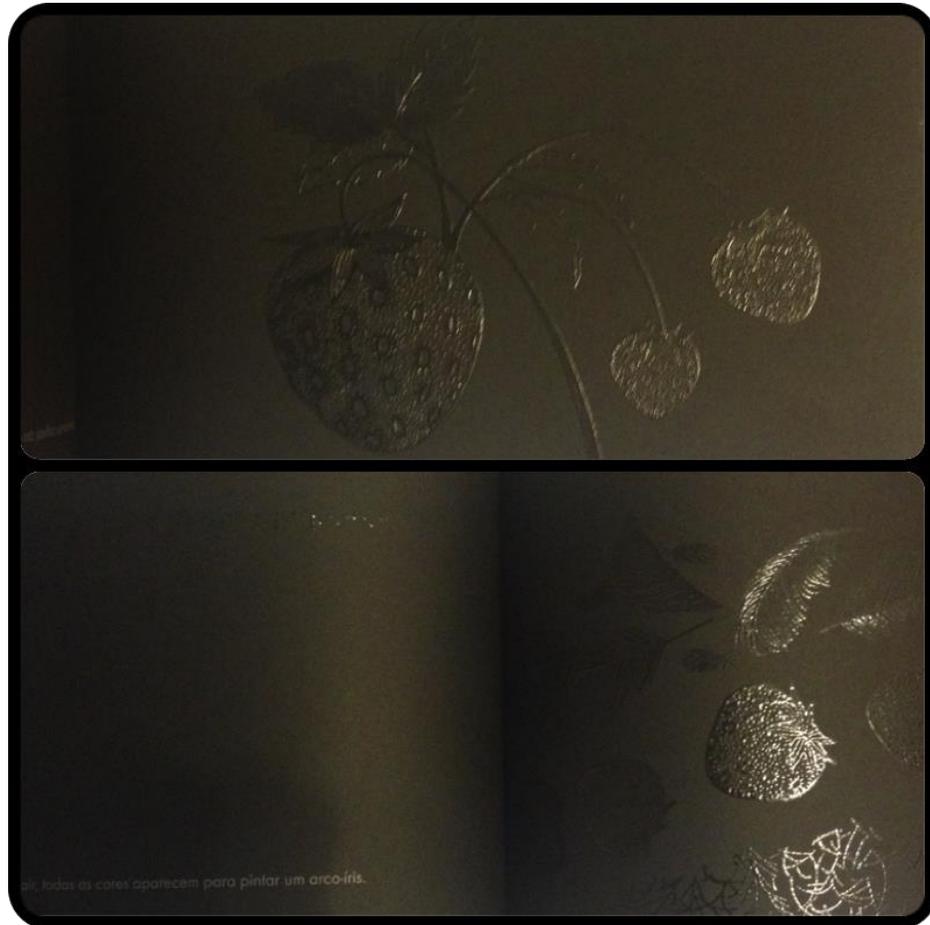


## • Leitura em Voz Alta

- Livro transversal a todas as idades.
- O Tomás não vê as cores, mas saboreia-as, cheira-as e toca-lhes.
- Experiência de fechar os olhos e sentir as ilustrações que são em relevo...como os cegos leem.
- Criar empatia com quem não vê.
- Idosa que não via, ouviu a leitura em voz alta, sentiu as ilustrações e ficou muito feliz com esta experiência única.



# Ler com as pontas dos dedos



The image features a dark, almost black, textured surface that dominates the upper and middle portions. This surface is characterized by numerous fine, wavy, and layered lines that create a sense of depth and movement, reminiscent of a topographical map or perhaps the texture of hair. The lines are more densely packed in some areas, particularly towards the right side where they form a more complex, swirling pattern. The overall effect is one of intricate detail and organic form. The dark surface is set against a light, warm-toned background, which is visible in the bottom right corner and along the right edge. The lighting is soft, highlighting the texture of the dark surface.

Nada se compara ao negro do cabelo da mãe.

E a chuva a  
que cheira?



# CF *Histórias iguais com finais diferentes*

---

Potenciar a dignidade.

Promover a identidade.

Sentido de responsabilidade  
com os outros.

Favorecer a consciência do  
outro.

Potenciar a capacidade e o  
bem-estar do ser humano.

Em “Repensar a  
Educação”, Unesco, 2016

# *Tarefas*

- Escolher um poema (para partilha na próxima sessão) em que estejam representadas valores inclusivos. Partilhar com a referência. Submeter na turma: Tarefa 1.

- Exemplo: tarefa1anarubi

# Inclusão pela Arte, e a coragem de a assumir!

O idadismo, tal como o etarismo e ageísmo, é considerado como o preconceito ou discriminação com base na idade. Por norma, sucede em pessoas mais velhas, mas também pode afetar pessoas mais jovens. A discriminação por idade por vezes não é levada tão a sério como outras formas de discriminação.

- [https://www.youtube.com/watch?v=5QN9ypZ\\_iwU&list=RD5QN9ypZ\\_iwU&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=5QN9ypZ_iwU&list=RD5QN9ypZ_iwU&start_radio=1)

